

As Admoestações de Ipu-Ur: Reflexões sobre a sociedade egípcia do Primeiro Período Intermediário. (1)

Maria Thereza David João⁸

"Em verdade desapareceu o que outrora se via, o país abandona-se a sua fragilidade como um trapo de linho. As pessoas perambulam desoladas. Pudesse (isso) ser o fim dos homens, sem nunca mais concepção, sem nascimento! Então o país pararia de clamar e não haveria mais tumulto". Este trecho, retirado de um texto egípcio conhecido como as "Admoestações de Ipu-Ur", relata a situação pela qual passava o Egito durante o chamado Primeiro Período Intermediário (2134-2040 a.C). Esse período representa um interlúdio entre o fim do Reino Antigo e início do Reino Médio, no qual verificaram-se crises de caráter social, político e econômico que abalaram a terra dos faraós.

As "Admoestações de Ipu-Ur" são um dos únicos relatos conhecidos do período, e fazem parte de um conjunto conhecido como "Literatura Pessimista". No texto, permeado por um grave tom de queixa, aparece uma descrição da situação, seguida da denúncia das mudanças que passaram a ser percebidas – em contraste com um passado glorioso – clamor pelo aniquilamento dos inimigos e crítica aos responsáveis pela situação, a saber, os deuses e o faraó, o qual supõe-se ser Pepi II (2).

Este tipo de literatura surgiu durante o Primeiro Período Intermediário, e faz parte das transformações produzidas em meio à situação que se apresentava. Uma nova postura diante da realidade pode ser inferida através dos contos literários que os

⁸ mestranda em História Antiga da UFF, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Rede.

egípcios produziram na e sobre esta época. Sobre este novo gênero literário, Rosalie David diz:

In some of these, the author questions the existing social and religious order against a historical background of troubled events, but, in other texts, an individual crisis precipitated by social upheaval is explored, or the validity of a belief in the afterlife is questioned (3).

Além das “Admoestações de Ipu-Ur”, um outro exemplo deste tipo de literatura é o chamado “Diálogo de um homem com seu *ba*” (também conhecido como “Reflexões de um Desesperado”) no qual um homem, cansado das adversidades, reflete acerca dos valores da vida e da morte, enquanto seu *BA* (4) tenta fazê-lo enxergar a vida de maneira positiva, a fim de impedir um possível suicídio. Na mesma categoria, ainda, enquadram-se as “Profecias de Neféti” e as “Lamentações de Kha-kheper-Rá-seneb”.

Sobre Ipu-Ur, não há evidências concretas sobre a sua existência. É provável que tenha sido um oficial habitante do Deltaⁱⁱ, que viveu sob o reinado de Pepi II, mas não há outros elementos disponíveis que possam oferecer dados para traçar um perfil do autor. Araújo aponta para a existência de uma menção a seu nome, como “chefe dos cantores”, em uma tumba de Saqqara, datada da XIX dinastia - talvez a única referência concreta de sua existência.

Para este estudo, é interessante observar as contribuições da literatura para a história, como aponta, por exemplo, Georges Posener:

A literatura pode ser explorada pela história de maneira sistemática. Através de seus temas e de sua maneira de tratá-los, permite compreender melhor os problemas políticos da época, assim como os conflitos de opinião e seguir o movimento das idéias. A descoberta de uma propaganda real mediante o escrito constitui, em si, um aporte precioso para a história ...A literatura e a história se prestam, assim, serviços recíprocos e se enriquecem mutuamente (5).

Isso não significa, contudo, tratar a literatura como um espelho fiel da realidade a que ela se reporta. O egiptólogo Stephen Quirke sinaliza, nesse sentido, que a literatura serve para confirmar referências presentes em outras fontes, e que deve ser analisada levando em conta especialmente o seu caráter de narrativaⁱⁱ. Partindo disso, a análise de uma fonte como o texto de Ipu-Ur deve atentar para as suas especificidades literárias, sem que isso implique, de outro lado, em entendê-lo apenas como fruto da imaginação de seu autor já que, como afirmou Umberto Eco, *"as palavras trazidas pelo autor são um conjunto um tanto embaraçoso de evidências materiais que o leitor não pode deixar passar em silêncio, nem em barulho"* (6).

Há inúmeros debates envolvendo a natureza desse documento, o que o insere dentro de uma discussão historiográfica bastante aguçada entre os egiptólogos. De um lado, há aqueles, como Miriam Lichtheim, que afirmam ser o documento uma mera criação literária destinada a apresentar a velha fórmula existente no pensamento egípcio da ordem x caos. Essa posição implica, por sua vez, no não reconhecimento de uma revolta popular que teria tomado lugar no período – expressa nas "Admoestações (...)". Posições diversas, como a do mexicano José Carlos Castañeda Reyes, remetem a escrita do texto a acontecimentos reais. A posição que parece mais acertada é a de remeter a autoria do texto ao início do Reino Médio uma vez que o tom da obra assemelha-se mais a um olhar retrospectivo dos fatos que propriamente a uma visão "profética" dos mesmos (7).

O argumento daqueles que acreditam na influência do contexto histórico – e mais ainda, na existência de um revolta popular - na escrita das "Admoestações (...)", como Reyes, propõem questões interessantes, que acusam um conservadorismo por parte daqueles que vêem a questão de outra forma.

Además, ¿ por qué si acepta la influencia del contexto histórico social del momento en la literatura egípcia en otros periodos de sua historia, se rehúsa aceptar para el Reino Antigo, en especial para el documento de Ipuwer? (...) ? Por qué fueron compuestos en un periodo tan concreto de a historia egípcia y no en outro, si hubiesen sido producto tan sólo de la imaginación de los escribas? (8)

Em sua opinião, é preciso desconstruir a idéia romantizada de que a civilização egípcia foi constante em seus mais de três mil anos de história e, mais ainda, desconstruir a idéia do “bom egípcio”, submisso à estrutura religiosa e de poder, e sempre detentor de um “esforço dócil”, incapaz de se rebelar^{iv}.

Isto posto, julgou-se interessante analisar os elementos presentes no documento de Ipu-Ur pois, a partir dele, foi possível suscitar interessantes questões acerca do momento histórico em que foi produzido. Para tanto, a leitura isotópica foi a metodologia privilegiada, cujos resultados serão apresentados no que segue.

Foram perceptíveis, ao menos, quatro redes de leitura isotópica na análise das “Admoestações de Ipu-Ur”. A escolha por tais redes temáticas foi feita tendo em o que aponta Ciro Cardoso quando aplica tal método ao texto das campanhas do faraó Kamés, no Egito: “(...) lembremo-nos que não há método aplicado “inocentemente”. Em forma implícita ou explícita, a aplicação de um método que se escolha responde a hipóteses de trabalho (heurísticas), que a orientam” (9). Uma vez que este artigo é produto das reflexões produzidas em pesquisa de mestrado, o recorte irá atender às necessidades de comprovação das hipóteses da mesma.

A primeira rede temática tem por base o que se acredita ser o eixo central da construção do texto, que é a oposição entre a realidade, vista estritamente em termos negativos, e um passado glorioso, que seria análogo ao estado de coisas ideal que se pretende restabelecer, portanto, euforizado. A segunda rede opõe situação dos pobres *versus* situação dos ricos, criticando uma espécie de inversão de

valores e hierarquias sociais. Uma outra temática relevante é a construção que Ipu-Ur faz da figura do faraó, condenando-o pela situação de fragilidade do Egito e propondo o restabelecimento de uma monarquia centralizada, o que deu origem à terceira rede de leitura. Por fim, julgou-se relevante apresentar os elementos que se ligam de forma direta ao tema da “democratização”. Apesar de pontuais, tais elementos não podem deixar de ser considerados – pois a “democratização” é precisamente o tema desenvolvido no mestrado - daí a aplicação de uma quarta rede de leitura isotópica considerando somente esse tema.

Dos resultados obtidos com a aplicação da rede temática 1, nota-se uma grande variedade de problemas apontados por Ipu-Ur em suas admoestações. Dos elementos figurativos, é possível distinguir a natureza de muitos desses problemas, como administrativo (“ninguém está em seu posto”), econômico (“falta ouro, esgotaram-se as matérias-primas de todos os ofícios”), social (este mais claro na rede temática 2) e político (mais explícito na rede temática 3). Os estrangeiros, especialmente núbios e asiáticos, também são vistos como causa das mudanças, apontando que as fronteiras do Egito estavam mal-asseguradas e para a necessidade da presença constante de arqueiros.

Tendo em vista a comparação entre a realidade e um passado glorioso, é possível fazer algumas suposições. Em primeiro lugar, esse aspecto reforça o argumento de que o texto seria datado de um período um pouco posterior ao Primeiro Período Intermediário. Ao euforizar esse passado, euforiza-se também o governo centralizado e a monarquia que, no início do Reino Médio, foi restabelecida. Nesse período surge uma literatura destinada a fazer campanha régia, que justifica positivamente o novo estado de coisas em oposição à situação anterior, calamitosa. A presença da ideologia faraônica no texto fez-se mais evidente através da construção da rede de leitura 3.

Da mesma forma, o tipo de construção presente na obra de Ipu-Ur traz de forma explícita o elemento da *maat*, ou seja, a ordem cósmica. Para os egípcios, o ato da criação deveria ser constantemente repetido para poder ser garantido, uma vez que a voracidade das forças do caos ameaçava de forma permanente a existência do mundo perfeito. A mensagem dessa teologia era a de que a vida é sistema e ordem, mas a experiência humana demonstra, contudo, que o estado de ordem é frágil e impermanente e precisa ser constantemente reassegurado. Segundo Rosalie David, as “Admoestações (...)”

(...) certainly address issues relating to the existence of evil as a cause for social unrest, the recognition that divine and human order could be overturned, and the need for constant vigilance to ensure that order prevailed over chaos.(10)

Essa necessidade de vigilância se expressa de forma bastante clara no trecho em que Ipu-Ur usa repetidas vezes a expressão “lembra-te de (...)” a fim de reafirmar o que deveria ser feito para que a situação pudesse retornar à normalidade.

A rede temática 2 exprime, segundo Ipu-Ur, uma inconcebível inversão de valores, na qual os pobres passam a oprimir os ricos. A partir desses elementos, é possível inferir a existência de uma revolta popular que provocou consideráveis mudanças no período, conforme exposto anteriormente. A mensagem implícita é a de que a subversão das hierarquias leva ao abalo na *maat*, e faz-se premente o restabelecimento do *status quo* anterior, conforme exposto na rede temática 1.

Dessa forma, percebe-se uma importância significativa do princípio de *maat*, que seria uma espécie de unificador social, ao mesmo tempo em que servia como escopo ideológico para a perpetuação de relações de poder. O que se observa, com isso, é que *maat* traz uma visão de mundo própria da elite, com os atores sociais dispostos em hierarquias que, se subvertidas, poderiam seriamente destruir a segurança do

mundo em que viviam. Seria, pois, ao mesmo tempo **integração**, por permitir laços de solidariedade social, e também **distinção**, por implicitamente corroborar com a manutenção de uma rígida estrutura hierárquica.

A visão de Ipu-Ur condiz com aquela da elite, uma vez que lamenta a inversão de papéis. Dessa forma, é possível aliar à análise algumas das premissas do estruturalismo genético de Lucien Goldmann, e expostas por Ciro Cardoso:

Os fatos humanos são respostas de um sujeito – individual ou coletivo - a uma situação de desequilíbrio. Daí que todo comportamento humano tenha um caráter significativo, o qual nem sempre é aparente, mas que o pesquisador deverá evidenciar (11).

Tendo isto em vista, continua, ainda na esteira de Goldmann e de autores como Lukács, dizendo que *"toda obra literária tem uma função crítica, já que, ao gerar um universo rico e múltiplo de personagens e situações, é levada a representar também as posições que sua visão de mundo recusa (...)"* (12).

A rede temática 3 pode ser melhor compreendida à luz dos elementos trazidos pela rede temática 2. A relação de causa e consequência, apresentada no texto, entre um faraó frágil e a necessidade de restabelecimento da monarquia explicita a importância do monarca como mantenedor da *maat*, o que, por sua vez, denota a presença da ideologia faraônica.

O que se pode conduir da análise da rede temática 4 é que, para Ipu-Ur, a divulgação das fórmulas mágicas provocou uma certa crise de valores, o que se pode conduir através dos elementos utilizados em seu discurso, que tendem a disforizar esse alargamento ("maldito", "inefcazes"). A visão de Ipu-Ur, nesse sentido, é oposta à visão dos nobres que foram os beneficiários desse novo ganho. A

apropriação desses textos – e aqui Ipu-Ur remete aos “Textos das Pirâmides” – dava aos seus donos a possibilidade de adquirir uma imortalidade cósmica da qual somente o faraó gozava. Ipu-Ur, contudo, associa a perda da base institucional desses textos à perda de sua eficácia. Nas palavras de Jorgen Sorensen,

Deprived of their institucional basis and uprooted from the royal exclusiveness they denoted, ritual formulae become worthless. While the coffin owners were probably enthusiastic about their newly gained divine access and the approach to royal status it implied, Jpw-wr faced a process of secularization (13).

Embora o termo “secularização” não seja de todo apropriado para exprimir a realidade do Egito faraônico, uma vez que Estado e religião são indissociáveis, a idéia principal do autor é apontar para um certo desligamento das concepções funerárias da figura do faraó. No Reino Antigo, era somente através do faraó que as pessoas poderiam obter a imortalidade. Ao adquirirem os textos que possibilitavam ao monarca esta passagem, as pessoas puderam, de certa forma, dar conta de sua própria vida após a morte. Para Ipu-Ur, isso é visto em termos negativos, conseqüência da situação de fragilidade em que se encontravam o Egito e a monarquia, e exposta nas redes temáticas 1 e 3. A figura do faraó como sacerdote supremo é importante para Ipu-Ur, bem como os encargos religiosos a ele destinados, e essa função esvazia-se na medida em que as pessoas “não precisam” mais do rei, ocorrendo uma espécie de “banalização” da religião – uma vez que as fórmulas perdem sua eficácia quando recitadas por todos.

A “banalização” a que se reporta Ipu-Ur pode ser entendida como indício de uma individualização mais forte no Egito antigo^v. Esta individualização liga-se de forma direta às causas que levaram ao Primeiro Período Intermediário, como o aumento da importância dos altos funcionários, justamente a quem foram estendidos os benefícios da “democratização”, e a necessidade de se destacar em relação aos

demais. Adquirir *status* régio, através da obtenção de textos outrora monopólio do faraó, seriam uma maneira de diferenciar-se. Essa situação é observada já no Reino Antigo, através dos textos autobiográficos, que apresentam, por exemplo, longas listas das funções exercidas pela pessoa. Há casos também, como o do nomarca Ankhthifi, que em sua biografia glorifica seus atos como responsável por restabelecer o equilíbrio de uma situação outrora verdadeiramente calamitosa.

Isto posto, o objetivo deste estudo foi, portanto, o de suscitar algumas hipóteses envolvendo o texto das "Admoestações de Ipu-Ur", como forma de refletir sobre aspectos da sociedade egípcia do Primeiro Período Intermediário, uma vez que este documento é rico de elementos em sua composição, e é também fruto de uma dinâmica social, cujas articulações podem ser recriadas através da correta aplicação do método.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade. A literatura no Egito faraônico.* Brasília: UnB, 2000.

ASSMAN, Jan. *The mind of Egypt. History and Meaning in the Time of the Pharaohs.* Cambridge: Harvard University Press, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. La révolution sociale de la Première Période Interméiare, eut-elle lieu? *Aegyptus Antiqua*, Buenos Aires, V, 1984: 12-14.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Narrativa, sentido, história.* Campinas: Papyrus, 2005.

DAVID, Rosalie. *Religion and Magic in ancient Egypt.* Penguin Books: 2002.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

POSENER, Georges. *Littérature et politique dan L´Egypte de la XIIe dynastie.* Paris: H. Champion, 1956.

QUIRKE, Stephen. *Ancient Egyptian Religion.* Londres: British Museum Press, 1992.

REYES, José Carlos Castañeda. *Sociedad antigua y respuesta popular. Movimentos sociales en Egipto antiguo.* México: Conacyt; Universidad Autónoma Metropolitana; Plaza y Valdez, 2003.

GONÇALVES, Sinval Carlos Mello. *Na medida do impossível: o cavaleiro além da cavalaria nos romances de Chrétien de Troyes (1165-1191).* Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2004.

SORENSEN, Jorgen Podemann. *Divine Access: the so-called democratization of egyptian funerary literature as a socio-cultural process.* In.: ENGLUND, Gertie (org). *The religion of the ancient Egyptians. Cognitive structures and popular expressions.* Uppsala: 1989.

¹ Este texto faz parte das reflexões desenvolvidas na pesquisa do mestrado, a qual intitula-se "A "democratização" da imortalidade e a emergência do indivíduo (Egipto Antigo -2134 a.C-1650 a.C).

¹ ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade.* A literatura no Egipto faraônico. Brasília: UnB, 2000. p. 182.

¹ Cf. ARAÚJO, *op. cit.* p. 175.

¹ DAVID, Rosalie. *Religion and Magic in ancient Egypt.* Penguin Books: 2002. p.140.

¹ O *ba* pode ser traduzido por "princípio de mobilidade" e, juntamente com outras formas corpóreas e não corpóreas, era uma das partes que compunham o ser segundo o pensamento egípcio.

¹ Cf. DAVID, *op. cit.*

¹ POSENER, Georges. *Littérature et politique dan L´Egypte de la XIIe dynastie.* Paris: H. Champion, 1956. P.171.

¹ QUIRKE, Stephen. *Ancient Egyptian Religion.* Londres: British Museum Press, 1992.



NEArco – Número I - Ano II – 2009 - ISSN: 1982-8713

¹ ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p. 28.

¹ DAVID, Rosalie. *op.cit* p. 142.

¹ REYES, José Carlos Castañeda. *Sociedad antigua y respuesta popular*. Movimentos sociais en Egipto antiguo. México: Conacyt; Universidad Autónoma Metropolitana; Plaza y Valdez, 2003. p. 42.

¹ Sobre esta discussão, vide: CARDOSO, Ciro Flamarion. La révolution sociale de la Première Période Intermédiaire, eut-elle lieu? *Aegyptus antiqua*, Buenos Aires, V, 1984:12-14.

¹ CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Narrativa, sentido, história*. Campinas: Papyrus, 2005. p. 186.

¹ DAVID, *op. cit* p.142.

¹ CARDOSO, *op. cit* p.27.

¹ CARDOSO, *op. cit* p.29.

¹ SORENSEN, *op. cit* p. 114.

¹ **Frise-se, apenas, que o termo não é aqui empregado tendo em vista o moderno conceito de individualismo, inaplicável à realidade do Egito antigo, mas diz respeito antes ao estabelecimento de novas formas de posicionamento do indivíduo frente ao mundo que o cerca. Conforme assinala Sinval Gonçalves, em sua tese de doutorado, "o termo designa mais uma posição – que pode ser variável – do que uma identidade. Ele designa o lugar de onde se percebe o mundo e a si mesmo (...)". (GONÇALVES, Sinval Carlos Mello. *Na medida do impossível: o cavaleiro além da cavalaria nos romances de Chrétien de Troyes (1165-1191)*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2004).**